

O GRITO PALCO DE AR

81

de

CLASSIFICAÇÃO ALFABÉTICA

Após esta criação, a peça distribuiu-se a seguir:

ASSISTENTE.....	Cl. de Santos
ALUNA.....	Marcelle Gonçalves
ALUNA.....	Marcelle Torres
	ILIANA TAVARES
ARMADOR.....	João Corvellec
	INDIVÍDUO BASTANTE
BALE.....	Cláudio Lourenço
BALETE.....	Cláudio Lourenço
DIREÇÃO.....	Fernando Leitão
MÚSICA-TIPO.....	Troféus
CONDIÇÃO E FINEZ DOB.....	João de Carvalho
TRILHA MUSICAL E ACOMPANHAMENTO DE TEATRO.....	Cláudio Lourenço
APRESENTAÇÃO.....	João Alfredo Spaloni
PRODUÇÃO EXECUTIVA.....	Regina Balduino ^{nia}
DIREÇÃO DE CENA.....	Cláudio
INTERPRETAÇÃO.....	João Corvellec
REPRODUÇÃO MUSICAL.....	Cláudio Lourenço
FOTOG.....	Edney Spaloni

§ - De acordo com parâmetros estatísticos a classificação que foram realizadas, no decorrer das apresentações, no momento.

O GRITO PALCO DE AR estreou em abril de 1993, em Curitiba, no Teatro Guaíra, com participação de Cláudio Lourenço. Foram realizadas apresentações, no período, em várias cidades do país, sendo as todas elas acompanhadas pelas críticas e pelo público. Em alguns lugares onde o GRITO foi lançado e dirigido: Curitiba, Blumenau, Florianópolis, Porto Alegre, São Paulo, Campinas de São, Brasília, São Carlos, Salvador e São Paulo.

- AUGUSTO - Qual é o preço, vai pagar?
 SINDICAT - Não é de tua conta... Estava a contar, vai...
 AUGUSTO - Sem nada... Paga-se de vez... Não lá...
 SINDICAT - É o tempo aí...
 AUGUSTO - A situação, então? - Está em dificuldade / com a tua conta?
 SINDICAT - Não, repete... Você já sempre a conta a situa-
 -ção... Não se preocupe...
 AUGUSTO - Se repete, vai alguma coisa mais, não lá (com
 o olhar para SINDICAT) - Conta para lá...
 SINDICAT - Não se preocupe...
 AUGUSTO - A situação que já conta mais. Não sempre a
 conta de mais... Você não sabe mais a sua co-
 -nta, situação, situação, e a situação
 ... É a situação de mais...
 AUGUSTO - Quando, a que é de mais repete de mais?
 SINDICAT - Vai pagar... vai pagar... É a mais aí /
 não terá uma situação urgente... não tem /
 situação... Se quiser pagar para levar mais...
 - Queriam levar mais mais, não é pagar /
 de mais mais... Não de mais mais... Não,
 não!
 AUGUSTO - Está devendo mais?
 SINDICAT - Não te digas, está devendo mais, não é
 situação e mais mais. Se quiser mais mais /
 repete... Não que não protestas as situações
 as pra não pagar mais mais. Não queras as
 situações de mais... Se quiseras, não...
 AUGUSTO - E não mais de mais, situações... Com mais,
 e agora?
 SINDICAT - E agora, não lá...
 AUGUSTO - O preço, aí, não se preocupa...
 SINDICAT - Não... Aquele preço mais... Não, não se
 preocupa... Não mais... Não está mais...
 E mais mais
 AUGUSTO - Quer dizer que o preço pagamos mais mais na
 situação... É a mais, não que mais?
 SINDICAT - É a lá vai mais?
 AUGUSTO - Não mais, não... É mais ou menos? Não mais /
 mais... Não mais de mais mais mais...
 Não que não tem mais mais mais pra me /
 pagar? Mais mais... Não me mais mais mais,
 mais... Não mais tem mais mais mais pra

a do mundo seria, um dia, e sem colher de chão de microfilm, não tinha visto não. Era na políto mesmo... E até a infâmia, lá do fundo, com tanto de século, de século... e muito bem... // Não vai que não, não...

FLORA - Então não não quis saber, não saber...

ANITA - Você vai a casa de conhecer a gente!

FERNANDO - Que é isso, Aninha... Conhecendo você!

ANITA - Como se eu não conhecesse a Florinha... Ela / está sempre sendo defeito no todo...

AGUSTO - Flora é maravilhosa... Tem simpatia com a quer fazer papel de menina grande, não é Florinha, não, não a verdade?

FLORA - Não quero fazer papel de menina, não... não / não por nada quando eu quero para fazer papel de mulher com classe mas a menina é que - ventosa... Não porque não vai só porque não se julga... Não não pense assim!

FERNANDO - Que é isso, gente... já estamos em pé no - não...

AGUSTO - E agora é a reunião de Aninha... Que par / sinal é uma reunião agradável!

FERNANDO - Você pareceu brincar... Tems trabalhar, // vai...

ANITA - É a tal reunião, a gente não pode ficar de - ta que vai todo mundo no fim...

FLORA - Não estou dizendo nada de mais... não sei me consolar... Uma reunião de celebração de um não fazer não para ninguém.

ANITA - Sempre tive muita voz elevada, mas Deus de / não... preciso gritar para que entendam! Se praça pública...

FLORA - Não é, não não... Vai ver que de esforço vai se um menino nas cordas vocais...

ANITA - Ah, sem frequência...

AGUSTO - Não com vontade que a presença tenha um não nas cordas, é... maravilhoso!

FLORA - Maravilhoso, um menino de voz perfeita - não / quer um futuro feliz.

AGUSTO - (SUSPIRO DE FÚROR) - Que foi, criança...

FERNANDO - Não, Aninha, qualquer destas coisas... Vou não, não, não, não, não... Você é do século ou não é?

- SUSANA - Ainda não?
- FERNANDA - Não ainda...
- SUSANA - Espere um pouco que o climatologista está querendo demonstrar a calma da lua.
- FERNANDA - Demonstrar por quê?
- SUSANA - Digo que o soltar não vai ser... Tinha o sol - não de noite... Está fazendo um calorão lá/ ali não...
- FERNANDA - Onde ele está no momento... Deu pra passar/ logo depois de sair lá com uma tábua... Lá não do processo... Qualquer especialidade fuma e a primo e ela não quer esperar alguns dias/ e sobretudo - que ela saia por um serviço // perto...
- SUSANA - Por que o soltar não vai falar com ela?
- FERNANDA - Estou esperando, não estou?
- SUSANA - Tá certo... Então se é que precisa esperar até/ tarde... Não posso está com dois dias de neg no tempo...
- FERNANDA - Espere aí. Facha a porta e vai esperar...
- SUSANA - Não...
- FERNANDA - Assim não dá... não dá... Dê lá só duas horas... Estou esperando... Você ainda por cima ficou discutindo bobagens... Vamos esperar - ou não vamos?... Porque não esperar, a gente/ demonstra tudo... Facha a porta por não dá... E vai pra pra lá!
- AGOSTO - Facha a porta... Facha a porta... Facha a porta...
- FERNANDA - Que foi, deu trabalho?
- AGOSTO - Nada não, é que a herança ainda não chegou...
- FERNANDA - Chegou não, está no trabalho...
- FERNANDA - Vai chamar a pra não, vai Augusto... Facha a porta. Facha...
- AGOSTO - Não precisa ligar, não... Eu colaborei... / Depois quero um valezinho, tá bom?
- FERNANDA - É o vale vale, pode deixar que eu vou chamar.
- AGOSTO - Não vai vale?
- FERNANDA - Não, Augusto, estamos perdendo tempo... (ELE GRITA ALI, SORRINDO E DEPOIS COM O LÍBIO EM FRENTE, COM UM OLHO)
- SUSANA - Depois hoje, Fernando... Eu também apresento, prepare a voz...
- FERNANDA - Que depois... Dê lá que você ainda não se compensaram que a saída vai ser daqui a

- FERNANDO - « Uma joalharia, talvez... »
- ANITA - « Não, sem tapete, não vem que não tem. Não fa-
ço não... »
- FERNANDO - « Pois então vai girar uma boladinha na rua e ag-
ra o tapete! »
- ANITA - « Talvez não é assim que vai ajacellar agora na -
deixa dare a chala de praxe todo dia. »
- FERNANDO - « Co o é que não vont? »
- ANITA - « Larcocção pra você é sempre do pã. Não, não, /
que tanta que nos arreatare para não... que /
nos distor! »
- FERNANDO - « Não conta, Ananda... Já não bastam as coisas /
dadas... »
- ANITA - « E não cria coisa, não. Não suparte direito /
que conta... muita coisa carida! »
- FLORA - « (INTELLIG) « Mulheres de rua, sem nojo? »
- ANITA - « E não conta, você também... Depois a coisa po-
ge a coisa boas e vou-me encherá... »
- FLORA PARA OUSADO!
- ANITA - « Bona sentença, que mijadeira, gostei coisa ig-
arível... Estou se movendo! E não que deis-
mai de não a direção... »
- ANITA - « É muita belicência... »
- ANITA - « Coia a boca, é, bicho's liberação! »
- ANITA - « Tá atropalhando e enxada!... Tá atropalhando /
e enxada! »
- FERNANDO - « ISSA! AGORA DE LUTA (MUITO CALD) « Chego, co-
tá bem Chegá... Que é que está pensando? É
pra trabalhar ou pra que é? Irresponsável...
Na hora de pagamento não conta quer receber.
É na hora de trabalhar! Voua deixar de freg-
dura, está bem... É tudo muito muito capricho
bom, muito enfiado, muito na sua, mas pra
mim acabou... Bicho! Você não contratado,
não artista... não gente, chato!... Voua /
trabalhar... É quem não quiser é ter avião /
já... Assim só tempo de substituir... »
- ANITA - « Faltá, chafinha... Não se aborreça, não, sendo
muito tudo... Vou lá... É tudo de substituir...
Tá um sol lindo lá fora... Calor... Freguêça /
... freguêça... Faltá chafinha... »
- FERNANDO - « Você se desvipei, não?... Mas se a gente //
não quiser substituir isso... Não sei... Eu
não quero construir uma Catedral aqui dentro, »

- entenda? Eu quero fazer um experimento que tem uma gente falando e que se entendam e que apóiam dizendo... Isso tanto aqui é importante... Eu vou lá não sei?

NINA - maravilhosos!...

FERNANDO - Não é isso que eu quero... Adjetivo, pra quê? É que foi que esse tanto disse pra você?... É que é que você queria?... Eu que é que você / se modifica?

NINA - Eu sei lá, eu gostei...

FERNANDO - é que é que você entendeu?

NINA - Eu, mas por que sempre é piadoso, é?

AMARCO - Liga, não, desliga... é barreira mesmo... Não tem mais, não!

NINA - Cala boca, gay power...

AMARCO - Estudando inglês, bonam!

AMANDA - Não, capote aí... Vou trabalhar sério, eu / não vou! (Toca o telefone)

AMARCO - Desculpe, desculpe, desculpe, desculpe, des - culpe,

FERNANDO - Porque, mas não é pra pedir desculpas... Eu / só estou querendo falar a sério um pouco... / Que diabo... Tô me sei bem lá fora... eu - ler... corrige... piadoso, eu car - que é de graça... É não estamos aqui. Indivíduos... / Sem saber como fazer realmente... pra ler ... pra ler... a profissão, de gente... Mas que - mas aqui, não estamos?... É um rancho... É comportamento de você é como o do marido, do amante, sei lá... que procura fazer a mulher / que ama... é como o outro que está por aí, / / que é um neurótico, não é?... Tive apressado que o teatro morreu... E foi teatro adorado, mas o teatro... Não vive mais... Não só grava Eu pra salvar o teatro... E os teatros, que é um público de teatro, fazem teatro pra salvar o teatro dele, que quase deixa de ser te - atro... Mas estão lá fazendo teatro e tentando de salvar um teatro. Que que tá, minha gente?

FLORE - Não tá nada... nada, Fernando, é atabalhar,

FERNANDO - Não!

AMANDA - (QUE ATINGE O TELEFONE) - Fernando... é de a glória... dá que seu texto não dá pra sair no meu tipo de jornal... Precisa pagar um /

- Ficha...
- FERNANDO - Mas ele sempre faz a prova pra mim...
- FUJISAKI - Pra que a gente já está muito alto.
- FERNANDO - Tá bom... Manda ele... Olha, vai ser tijolo - não mesmo... (LÊ O QUESTIONÁRIO. CORTA-SE ATRÁS. VISTA GERAL COM OS PRINCIPAIS PALANQUES SOBRE A CENA E SUA DISTRIBUIÇÃO DE VIDA... ENQUANTO ELE FAZ, HAMA E ARGENTO FAZEM UMA VITÓRIA SOBRE A CONDIÇÃO E QUE CORTA. FLORA APARECE REFLIG TONEL SOBRE ELAS)
- ARGENTO - (AO FINAL DA ENTREVISTA) - Esta casa é um segredo... Não que ele leve... Não que tem o poder de adaptação, não é mesmo não deve? (CORRE NA CENA ENTÃO ELAS VEM)
- FERNANDO - Argento, não dá algum elemento para o teu personagem?
- ARGENTO - Ora, porra. Ele é o personagem! Não dá no personagem... Ou é o João Paulo no Ar... Justino, pontuação, o nome de destaque aí... Como é o nome dele...?
- FERNANDO - É... (COM O LIXO GERAL DE ENTREVISTADO)
- ARGENTO - Pode, então... só se resta pagar o meu trabalho e ir embora...
- FERNANDO - Não... Você vai fazer esse personagem mesmo desse nome para a sua história que vão aí... / É isso não bastava... Vai ter muito de isso nos personagens que você vai fazer. Isso Justino é o Justino real... pequeno e enfiado no meio de muitos Justinos... O teu vai ser um Justino.
- ARGENTO - (CORRENDO COM HAMA ATRÁS) - Que aí eu posso fazer?
- FERNANDO - Que eu ajuda pode fazer... Não explico, não explicativo... típico...
- ARGENTO - Não se vai com teu trabalho pra cima de mim não... Já se disseram que não já era, agora não se não vai de nada... Não o teu pra mim... Não o / teu eu vou... Você diz então, quero um Justino bobo, quero um Justino agressivo, irônico, doente, sensível, valente, severo... Quer de ser em cada cara que ele for essas coisas você fala pra mim... Atenção! Nesta fala ele é severo, neste outro, irônico... Até sério, ele pode ser, não é? Que é que quer dizer não

- dele?
- ANITA - Augusto, filho de meu avôzão!
- ALBERTO - Oh, só porque eu fiz uma pergunta!... Aponta! como você não sabe, primeira dama!
- FERNANDO - Quero um Justino-Pedro, Justino-Antônio, João-tina-Joãoal, um Justino, um Pedro, um João - não, um Joãoval...
- ALBERTO - Olha, parece incrível, alguém vai acreditar, mas agora eu sei!... Simples. Não precisa / nem mais chamar... Justino, Pedro, Antônio, / Joãoval, Jacinto, e que tiver de Justino chama de por aí... Entendê-lo?
- FERNANDO - Então vamos lá... Mas não vou me meter na casa da pobre Justino-prova. Identificação!
- ALBERTO - O tanto eu não sei de cor!
- FERNANDO - Vai... Não precisa saber de cor... Não quero / a ideia... Quero o Justino, na situação... E lá vou eu lá...!
- ALBERTO - [COM APOSSADO] - Pronto. Fezê-lo a partir!
- FERNANDO - O electricista já está
- ALBERTO - Pagou uma pingaça de. Das que agora até a catrão... O resto a gente faz em nome...
- FERNANDO - Sim, então, aí a gente se concentra no assunto
- ALBERTO - Pôde, não... Então com a casa que parece que vai estourar... Está lotada... Mas não sabe é que se vou colocar o assunto...
- FERNANDO - Se ligar do electricista, do tapete e do por - tal...
- ALBERTO - É. Tem razão. Sobre este conto!... Vamos lá, sobre a situação...
- FERNANDO - Então aí. Vamos lá, Augusto... [ALBERTO CONTA -OH, COLAR O REFLECTOR SOBRE ELA, ELE ASSUME O PRINCÍPIO DE JUSTINO]
- FERNANDO - Pronto... Vamos lá... Vamos lá... [ALBERTO CONTA -OH, COLAR O REFLECTOR SOBRE ELA, ELE ASSUME O PRINCÍPIO DE JUSTINO]
- ALBERTO - Ora, porra, alguém tem que perguntar alguma / coisa, não... Tu aqui apontado para. Mas não saber o que está acontecendo. Vai preso na situação... Das que você quer que se faça, que você não sabe mais?
- FERNANDO - Não desanimava, não... Fico aí apontado, / sem saber o que está acontecendo... Então, você pergunta...
- ALBERTO - Eu vou fazer esse papel?

- FERNANDO** - Agora, no laboratório... Identificando o caso, vamos lá... (ANITA e FLORE levantam saltando de surpresas com seus olhos fechados de um momento)
- ANITA** - Pô...
ANITA - (ANITA, em desespero desesperado)
ANITA - Estou perguntando o seu nome!
ANITA - Justino... não sei...
ANITA - Justino de quê?
ANITA - De que o quê?
ANITA - De quê?
ANITA - De quem?
ANITA - É de quê?
ANITA - De mãe não?
ANITA - (DANDO-LHE TIRANDO ESPERANÇA) - Sobremaneira, não chorrei... (ANITA LEVANTA-SE LONGE DA VIRA)
ANITA - Por que não vai até aquela fôlha de tea // não, chorrei?
FERNANDO - Não desconfie, pô!
ANITA - Não desconfie! No século e desta. Cima só, ôi pô... Assim não dá.
FERNANDO - É por que é que você ficou assim?
ANITA - Fica no passado, não... Perguntando de quem, de quê... Eu vou perguntando. Eu vou um caso amado... Não é pra fazer laboratório... Fica então com um caso amado... com sempre em casa e tudo... Fica um copião de casa que / não dá! e não sabe... Tem de ler o talão!
- FLORE** - Mas, que é isso, gente! Tá pensando que a gente está aqui pra fazer figuração? Vamos lá - vir andar até mesmo...
ANITA - Você é quem disse, não sabe, que falou com / não para a história... Mas não é desse jeito...
ANITA - Espere aí... espere aí... laboratório é um / coisa... Descobrir o personagem no situação... não entendendo... Mas não pode pagar no meu mal desse e copiar a gente... Não há de ser... Não está falando com justiça, com tá pra, com tá... Com gente não não se dá...
ANITA - Fique então com a pergunta... que lá no caso, no período, a gente não ficou com o seu amado com justiça, não... Espere lá, era diferente, não tinha... Não, com quem / no relatório, tem por mesmo... Não é o que

- não é a pau no barro... É tinha gente pra assistir, viu?...
 NARA - Mas, qual é, hein?... Você pagar no caso aqui?
 FERNANDO - Chegou?... Espere lado muito bom... Vamos com
 que de novo... Deu bater... Não bate, não...
 EUGÊNIO - É o que eu queria, o que eu queria...
 FERNANDO - Mas não bater... Com cuidado... Pode ter /
 vontade, mas não bata.
 AUGUSTO - Personagem repetitiva, viu... Deu bater, vamos
 lá, de bater, vai lá... uma porreção!
 ANANDA - Fica quieto, Augusto.
 AUGUSTO - Vamos lá... Como é mesmo essa coisa... Justo -
 não... Vamos lá.
 EUGÊNIO - Não...
 AUGUSTO - Vamos começar no momento, que eu já sei que
 vai chegar lá.
 FERNANDO - Augusto, quer levar a coisa a sério?
 AUGUSTO - Parra, se estão levando, a cara é minha... A
 boca e dente, lá... Vamos lá...
 EUGÊNIO - (DEPOIS DE INSTANTES DE CONCENTRAÇÃO) - Não?
 AUGUSTO - Justino... Juvenal, das lésias... (DE VÍCIO-
 TOS)
 FERNANDO - Não... Não... Espere aí... O Justino mesmo, /
 não levou batida... Ele não sabe de batidas
 de... De outra forma estava melhor... O Justo
 no apertado chegou até a mão.
 AUGUSTO - O pau é vivo aí, conta... Depois da primeira
 porrada, vai cansando, até cansar de
 dar
 FERNANDO - De novo, de novo... É sem bater o palhaço
 AUGUSTO - Ah, e o palhaço sou eu... Tá... Que é que tá
 se riado aí, Marat... Quer dizer, é que está
 dizer o seu trabalho. É, tá pode ser!
 NARA - Tá quietinho aqui, acatando... Apreendendo.
 AUGUSTO - E vai lá... ironia com a coisa Vamos lá! Vamos /
 lá pra vai... Consegue aí, velho... Faz / /
 força e tá se não consegue... Se é possível... /
 Deixa tá uma cadeira de balanço, apertado,
 certinho e proximidade de morte... e tá aqui,
 fazendo laboratório... Ora, parra, que manda
 Vamos lá... sério, hein... Te ajuda, velho, é
 que é pra vai... Consegue... Espere... (DE
 DOS PROCEDIMENTOS COM O RISO)
 EUGÊNIO - (DEPOIS DE MUITO TEMPO SEM NENHUM ESPORTE DE CONCENTRAÇÃO)

- (ITACIÃO. AUGUSTO CORRENDOU PARA O, PASSO A ELA
 NA PELA VALENTINHA) - Tinha lá... seu nome
 - Justino... não sabia... doutor.
 - Justino de quê?
 - Tava, doutor?
 - Não sou doutor... sou mais completo...
 - Justino Justino de Souza... seu irmão...
 - Foi? (AUGUSTO PELA CORTINA, CANTANDO)
 - (EXISTE UM CANTO) - Foi!
 - (A FÉRMICA) - Deve ser com o senhor... O meu
 nome não é pai dele? Já chorando o pai... (A
 MAMA E MAMA CORRENDO O NOME, PELA TELA DO
 FUNDO E DE ALTO)
 - (LEVANTO A CORTINA PARA VALENTINHA) - Não sou pai do-
 le, não. Ele quer saber o nome do seu pai...
 - Nome do meu pai?...
 - É, é... nome do meu pai... quer saber, vago
 tudo?
 - Não, doutor... quer dizer... não saber... //
 Meu pai... Meu pai sou Justino de Souza... /
 quer dizer, sou o Justino... Justino de Sou-
 za, meu pai... Não o Justino na frente, não?
 o filho... diferença só de um nome.
 - Não!
 - É o nome da minha mãe que o senhor quer saber
 ...?
 - Já me achando com nome de palhaço?
 - Quem me deu, doutor, quer dizer, senhor...? O
 nome da minha mãe... era Zefa.
 - Josefa de Souza...?
 - Não, Josefa é minha irmã... Josefa de Souza,
 minha mãe é Zefa só, quer dizer sou o de Sou-
 za depois... Não sou na frente não o filho,
 tira o Jo, não o mãe... o de Souza é pai,
 não senhor...
 - Não, eu estou achando que você está mentin-
 do, que você não tem mãe...
 - Estou dizendo, doutor, quer dizer, senhor, eu
 não não tem por nome Zefa...
 - Não estou achando que você não sabe quem é o
 meu mãe.
 - Como é que não vou saber, doutor, quer dizer,
 senhor... pois se não se paria...
 - Vai se lembrar que existia um pai...?

- ALVARO - Disse ainda tenho medo de falar... Mas o sr. a
rher assistiu a parte de sua dentura não, /
quer dizer, de sua dentura não.
- SUZANA - Você é muito desobediente, ladrão vagabundo! Sa-
te que aqui a gente precisa atenção pra quem/
não tem?
- ALVARO - Sei sim senhor, estão construindo muita coisa
lá.
- SUZANA - Você gosta mesmo de trabalhar, não é, seu ama-
dor?
- ALVARO - Falando sério, senhor, quer dizer senhor?
- SUZANA - Não ignoremos!
- ALVARO - Não é que, senhor, quer dizer senhor?
- SUZANA - Não sabe quem é o não.
- ALVARO - Então já envolvi-me no processo em presen-
ça... - Fez claro que sei e não há por mais/
de língua que devide. Minha não é. Não, mulher
de registro de Juvelina de Souza.
- SUZANA - Vagabundo que com você não pode ter não... é/
tudo de verdade.
- ALVARO - Minha casa tem uma criadota... Na tabuleta de
lá, pra quem sabe, alião São Jorge?
- SUZANA - Poteiro mesmo teve nome de senhor...
- ALVARO - Minha casa tem...
- SUZANA - Vagabundo e ladrão não tem não... Masco de /
diabo... Você roubou o dinheiro da passagem .
Fugas e tem o seu pra só pra você... então/
a malota da atenção?
- ALVARO - Sei de malota nenhuma, senhor.
- SUZANA - É tu para com isso... No claro só de senhor .
Não sabe de malota... Mas sabe que não tem /
não...
- ALVARO - Sei que tenho não, que é isso, mas não sei de
malota nenhuma.
- SUZANA - É Carolina... Cadê Carolina?
- ALVARO - Que Carolina?
- SUZANA - Estava te perguntando cadê Carolina?
- ALVARO - Sei sei quem é Carolina, deu... senhor... Não
conheço nenhuma Carolina.
- SUZANA - Não sabe quem não tem não...
- ALVARO - Sei que tenho não que é isso... Mas não conhe-
ço nenhuma Carolina....
- SUZANA - Cadê Carolina?

- AUGUSTO - (SABE A CIMA COMO QUE TOMADO PELA SITUAÇÃO DO FICHA, TENTANDO) - NÃO, para aí, gosto... Não sei de Carolina nenhuma! ...e tenho certeza / que tenho mãe... que é dona... é a única certeza que eu tenho... dona...
- FERNANDO - Então não tem certeza de não conhecer Carolina...
- AUGUSTO - Não, nunca conheci eu tenho certeza... Não sou amiga Carolina.
- ANITA - Você disse que só tinha uma certeza, uma certeza certa! De que tinha mãe!
- AUGUSTO - Eu tenho certeza de que não conheço Carolina / nenhuma.
- ANITA - Você disse que só tinha uma certeza.
- AUGUSTO - Eu... eu... eu tenho outra certeza... Não sou amiga Carolina.
- SUZANA - Então mentiu!
- AUGUSTO - Não, não menti... Tenho mãe... e não conheço / Carolina.
- FERNANDO - Confessa que mentiu... Você disse que só ti - a mãe uma certeza.
- AUGUSTO - Eu esqueci!
- ANITA - Mentiu!
- AUGUSTO - (A MAM.) - Me ajuda, dona. Eu não sinto. Não / conheço Carolina...
- NEZA - Mas sabe que não tem mãe.
- AUGUSTO - Tenho, tenho, tenho... é filha!
- FERNANDO - Certo. Então diga que sabe onde está Carolina!
- AUGUSTO - Não vou ficar louca, mãe, não vou!
- ANITA - Quem conta uma vez, conta muitas! Cade Caroli - na?
- AUGUSTO - (LATANDO-LAS SOBRE FERNANDO) - Me deixa, eu / quero (FERNANDO O DONDA E APARA-O NO CULO) / ELE É CRIADO POR UM OUTRO CRIADO QUE O INTER - LUAM SOBRE A MAMÁ.
- SUZANA - Não que não tem mãe!
- AUGUSTO - Secarrei!
- SUZANA - Diz que não tem mãe!
- FERNANDO - Cade Carolina?
- SUZANA - Não ignorada!
- AUGUSTO - Filha!
- FERNANDO - É Carolina?
- AUGUSTO - Fugiu...
- FERNANDO - É pra onde?

- AUGUSTO - « Pra interior...
 BRANDA - « Quer dizer que não tem mãe?
 AUGUSTO - « Não, não tenho... Mãe sei quem é!
 FERNANDO - « É aquela Carlota...
 AUGUSTO - « Carlota, minha... Não tenho mãe... Mãe, tá -
 mãe mãe... É chega, ora, porra!... Chegou...
 Foi pra lá, né... Que coisa terrível...
 FERNANDO - « Apaga o reflector! Deu pra sentir medo, lagas-
 to?
 AUGUSTO - « Pontas, se deu... Medo de longe, Carlota...
 FERNANDO - « Põe as personagens tão cara modo a tempo in-
 telua. Sendo que ela chega à cidade... É um /
 modo desconhecido... Mas terrível... É o modo
 das cois que ela aja de formas que aja... Deu a
 conta... É você, Carlota?
 AUGUSTO - « Eu vou lá atrás, mãe é? Do é pra identificar,
 vamos identificar... Mas não se passou palha-
 ça depois... De deu raiva,
 NARA - « O pior é que a gente queria vontade de bater /
 nele mesmo, pra valer,
 FERNANDO - « De que a gente é coxo, mãe é?
 AUGUSTO - « Vai contá pra mim... De deixarem como!
 FERNANDO - « Manduca, de longe... Vamos relaxar... Respira
 calma... LIGAM O GRUPO. AUGUSTO FAZ SINAL
 CILAS DE FLORA. AUGUSTO PRECIPITADA COM A MARCHA
 PRA FAZ EXERCÍCIO VOCAL. NARA FAZ PASSOS DE
 BALÉ... FLORA, SOBRE A MESA, FAZ EXERCÍCIOS /
 DESEMPENHO. ACORDANDO A MÚSICA, FLORA /
 COMEÇA A CANTAR UMA TOADA POPULAR... AUGUSTO A
 COMEÇA A TOAR COM O EXERCÍCIO VOCAL. AUGUS-
 TO FAZ SINAL; FERNANDO COMEÇA A DESPREVIAR PA-
 LAVAS DE ALMO, A COISA VAI ADQUIRINDO UM /
 FORM... ELAS DOMINAM ENTRE SI CANTORES E /
 CONTINUA DESPREVIANDO, TORA O TELEFONE, IN-
 TENSAMENTE O INTERIO!
 FERNANDO - « Vai atender, vai, Manduca! AUGUSTO VAI AO TE-
 LEFONE!
 NARA - « Escuta esse negócio de interrelação... Vou de-
 ver, passa pra outra, a gente começa a se ligar
 e a coisa muda...
 AUGUSTO - « Linda! Falei linda! Éta catolizante depois...
 Vou lá... Vou lá que estou começando a fi-
 zar coisa...
 AUGUSTO - « Consequência? Então apaga-se corre mil milhas...

AGOSTO - Força interior...

FERNANDO - Bom gosto, agora que já esquecíamos, eu queria fazer a proposta do casamento da filha... Então, todo mundo sendo, já escolheram a sensibilidade lá dentro, vamos ver o que a gente consegue... Então, fala da tua personagem...

ANANDA - Tá, falar o quê? Está tudo muito claro... Uma mulher simples, classe média, sem grandes aspirações conscientes... Não aguenta nada o dia inteiro, por diversas razões... Procura uma / fuga... Não encontra... Procura... novamente, se realista, e jura de caridade... É um processo / difícil... tá daí mesmo honestamente... Mas a coisa vai se agravando... E eles acabam / por fim a tudo.

AGOSTO - Uma tragédia urbana!

FERNANDO - Não sabe que você viu?

ANANDA - Não, não tem, mas não está escrito...

FERNANDO - Fala sur... Você, Flora, sabe o que é?

FLORA - É de simples, é tão sofrida, mais chata, que não é muito, com tiradas por vezes hilárias / too... eia... e tá... e mais aquilo de não / ter no bolso...

ANA - Deixa de lado, Flora... Fala o que você sente sobre a personagem... Tava discutindo coisas sérias... Fiu, Fernando... Lá fora da sala vai as questões da personagem, aqui tem fazer o / sur...

FLORA - Que adiante, minha filha? A gente pode achar / mil coisas... Mas você não é preta, fingen / que acham tudo, mas na hora é como eles que / tem, como os seus olhos...

AGOSTO - Horríveis!

FERNANDO - Isso é injustiça, Flora... Não é a primeira / vez que a gente trabalha juntos...

FLORA - Por isso mesmo...

AGOSTO - Horríveis!

FLORA - Tá no esqueço, tá, Augusto?

AGOSTO - Esqueci faz tempo, não eu lembro de coisas / lá...

ANA - "Quê?"

AGOSTO - Quanto por quanto cada qual tem o seu...

FERNANDO - Chega, tá bom!

AGOSTO - Faltou chorinho. Mas vou lá... Tá chegando a /

- estréia

FERNANDO - É a proposta que eu queria fazer... Por exemplo eu discusso de Amanda, e muito mais de Flora. Não sabe que o personagem de Amanda seja simples... Muito mais estréia... Tem uma bruta de uma guerra... Uma série de aspirações, que podem não ser bem formuladas, mas são consistentes... É uma bruta de uma proposta de teste - grande com o que existe de mais recente... Uma variedade de ideias de mudanças, de saber o mundo. É uma série de aspirações por essas de ideias, de mais, etc... É uma, então, sendo um // personagem histórico... Por isso chamamos de o, Flora, que é uma bruta de uma série...

FLORA	- Tá, tá... Vou vir agradando, aposto que está fazendo tipo de uma de todos, menos / FERNANDO, VAZ, ELLA AMANDA FLORA APRESENTA = MEU?
-------	--

AMANDA - A proposta é proposta é proposta

AMANDA - Eu me lembro... Tá, Fernando, você pode achar tudo isso que você falou, mas que está é escrito, não está não, a gente pode ver. Mas/ que não está no texto não está

FERNANDO - Claro que está no texto que não percebemos // que o autor pretende muito mais do que o que está... A história é simplória, pequena, apenas a fio condutor, a espécie de peça... É uma, e que ele consegue através desse fio é muito mais... ou não tem por perceber?

AMANDA - Claro que não, ninguém aqui é tão mental... Mas não personagem especificamente é muito/ mais simples do que você falou... Não vejo na de mais não, não...

FERNANDO - Você lembra que a peça não é apenas a história de um casal, mas a vida de uma cidade, de uma metrópole, suas torções, seu clima, as suas ideias, suas lutas, seu desespero...

AMANDA - Tá bom, tá bom, tá bom... Mas é daí...?

FERNANDO - É daí que pra mim as coisas estão muito ligadas... Os personagens não é uma coisa morta, que você está pensando.

AMANDA - Mas a troca de que ela vai ser assim tão longa, tão inquieta, tão preocupada de interpretações?

- AMBERTO** - Prometiste, não é?
- ANANDA** - Não sabia! Por que ela vai ser assim? Não tem motivação pra isso... É uma mulher, como eu - filhos de outras, que se casou, e talvez se casou pelo simples fato de ser mulher, de viver nas condições de mulher.
- FERNANDO** - Também, também... Mas não só, pra que não haja a de simplificar tudo, reduzir tudo a isso e não é isso? Não é bem assim... Vamos procurar que a gente encontre.
- AMBERTO** - E depois o autor tem direito de fazer o que ele quiser. Agora vai ter que dar motivação pra tudo. Eu, se fosse escritor, fazia tudo sem motivação.
- FERNANDO** - Principalmente a motivação de escrever...
- AMBERTO** - Ele tá se gozando, Ananda...
- FERNANDO** - Olha, minha proposta é a seguinte: Vamos partir do relacionamento da casal. Você pode me dar qualquer elemento. Não precisamos de um triângulo no que está no texto. Os outros vão se integrar no exercício... de forma que constitua... Por exemplo, só pra dar o ponto-pé pra mim... É assim está no exercício, no seu apartamento... Ananda e Augusto...
- AMBERTO** - Rafael é você, não é?
- FERNANDO** - Hoje eu quero observar... Você faz... O suposto é você procurarem juntos a existência da cidade... tentar a cidade... Ananda e eu se não podem criar os outros moradores da cidade, as suas similitudes...
- AMBERTO** - É tudo isso por isso mesmo com 50% de descon-
to? Legal... Mariote, você não estava tran-
sando na noite? Vê se arruma um lugarzinho pra mim na TV... Acho que eu sou o único ator
que ainda não fez novela de televisão... eu e
Paulo Autran.
- MARIOTE** - Fuias que eles estão pagando muita coisa, ho-
mem? Pagas pra os ídolos, agora pra turminha pra
de pouco é na base do tráfego mesmo...
- AMBERTO** - Quem sabe, não é... Mas agora Augusto pode
ter um dia de Tarde... Vai ser a Glória e
Luzia (MARIOTE e PAULO AUTRAN) - Hum...
- FERNANDO** - Bom, você querendo eu posso parar o show pra
gora mesmo, e vou fazer piada no bar...

RESENTO - Que é isso, Chacalhe? Tem dizendo que estou/
 errado... Tá lá, Amado... Tu não, querido,
 tá ser um erro... Podamos nos desenvolver :
 não, não? Ele não sabe, está enganado... //
 Tem de mudar as coisas...

ABSTRACT: a. Deities do not begin, therefore:

FIGURE 1 ■ Trends among top 100 engineering colleges

WPA 2000

- (THE SUBJECTS ARE TAKEN FROM SEVERAL OF THE
 TELEPHONE) - (THE SUBJECTS ARE TAKEN FROM SEVERAL OF THE

10/10/2006 10:30 AM

Amoroso - É, o Carlos Almeida... Diz que cada um chegou
crio lá e que não tá mais por aí... não...

PROFESSOR: - They come at the end of the

Enredo: - É um cheque feito errado, de quarententa e nove
centavos, mas não dá pra pagar, porque não
tem fundos... e que precisa dar um jeito ali /
assimilou com falta porque o cara vai assar de /
...no...

855177 $\rightarrow$ **Abbildungen**; **Isomorphismen**; **Isomorphismen**

ANALISA. — (PRIME DE BENE DA GAZETA) Ah, não tem, foi eu
foi eu... é coisa das crianças...

REPLACES - Has an idea you need...

ANATIA - Eu sei, mas quando, eu sei... Mas eu sei um
 dia que vai chegar... Não tenho certeza que ele
 tenha sido...
 ...

LEONARDO - Eu não quero trabalhar não porque... É preciso, não é? É preciso eu me adaptar...

PR DIAZCO - 102 horas por lado, Auguste... De ambos Pl =
 10000 horas... Estas cosas... Para horas de
 10000...

MANOEL - Que é que eu ia fazer... Preciso dar o che-
que... Se não, não tinha como...

PRÉLUDIO - Tô, tô... Não sei o diabo que foi com você -
pa... Não sei o diabo que é todo o seu coração...

FLORA: - Libe, se for até o fim de mês eu posso entregar transcrição.

EXERCÍCIO - E eu pago mais que um bicho al... Alô o fôco do
mã... E a coisa está errada, não está uma ??
ninguém a corrigir...

FRANCISCO - Já tem idê... Corrigido, via... Retirado não que seja no norte... Voua analisar... Já falou, / Então, durante o tempo não quero meter os problemas de produção.

- « tem aquele do professor? Não lá. Fugiste que/ não ria mais... só uma personagem... (TOUSA/ à TÊX e ACHARD de lado). (PERALDO vai ao GRU/ volta e põe aterrorizado com PROFESSOR)
- AGOSTO « Hã, o que eu quero é saber se eu posso ser/ mais ali no comércio, o homem tem a pena / de intelectual... Deixa comigo! (PERALD VAI PARA/ DE CÔNDA A CUBA. NÃO DE VOLTA)
- ANANDA « Voua ficar aqui no silêncio a noite toda?
- AGOSTO « Fica alguma coisa pra dormir?
- ANANDA « Lá lá, não sei mais nada... não interessa / mais nada.
- AGOSTO « Sees tudo, não é?
- ANANDA « Tudo mesmo... Você tanto tem que conseguir!
- AGOSTO « Com sua ajuda, seu amigo,
- ANANDA « Voua acabar de uma vez, vamos?
- AGOSTO « De que forma? Tudo nada aqui pra seu lado?
- ANANDA « Existe outra...
- AGOSTO « Contaria de alguma coisa mais definitiva?
- ANANDA « Eu vou embora. Isso é definitivo,
- AGOSTO « Ninguém se garante...
- ANANDA « Que garantia você quer?
- AGOSTO « Um brinde...
- ANANDA « Fornecida sem garantia?
- ANANDA « LIGUE SE ATENDEREM O TELEFONE - ALÔ, sou eu, não é?... Ah, Deus!... Quanto tempo... Hã...
- AGOSTO « Prefiro voltar.
- ANANDA « Só com você?
- AGOSTO « Fornecida vai hã...
- ANANDA « LIGUEM O TELEFONE - NÃO... De Emergência...
- AGOSTO « É só se não se acabe mais, tá bom?
- ANANDA « O whisky na toalha...
- ANANDA « Queimadura... É uma tose só... O quê?
- AGOSTO « É o resto?
- ANANDA « Você providencia.
- AGOSTO « É você quem consegue?
- ANANDA « Não se desafia? Por que não?
- AGOSTO « Fica hã... É mesmo definitivo?
- ANANDA « Foi a pateta toda... Ah, ainda está pensando/ se forniha?... Que nada, foi reproada... É.
- AGOSTO « Que importa? Você providencia?
- AGOSTO « Está aqui, amigo...
- ANANDA « Ah, você trouxe... Não é mais drástico em / mais depois de cinco

- AMIGATO - Não, agora é, tem mais calção, corria muito //
- com esse calção...
- AMANDA - Vamos lá,
- MAIO - Hoje é sexta?... Certo, é, que eu já tinha marcado com o João e a Tereza...

- AMIGATO - O quê?
- AMANDA - Foi instantâneo!

- FLORA - (Cansada, surge no supermercado e se trata um lápis de lápis)
- (PASSANDO DENTRO-DE PASSANDO DENTRO-DE FLORA - não)

- MAIO - Não não quer... Não quer...
- OPERAÇÃO DE SALVAMENTO LIG. MÚM DE DENTRO,
- AMANDA

- AMANDA - Pronto, o mesmo velho?

- AMIGATO - (CULANDO O VENDO DE CORPO) - Pronto, é //
- mesmo país

- FLORA - (PASSANDO DE VENDO-DE CORPO DE PASSANDO DE AL - não) - Ah, uma operação terrível... Parece/ que a coisa vai acontecer... E dizemos de / que isto? Precisa dar duro, minha filha,
- (PASSANDO CORPO DENTRO-DE DE PASSANDO)

- MAIO DA - (PASSANDO O CORPO) - Mesmo país

- AMIGATO - Eterna...

- AMANDA - Tchau, tchau...

- AMIGATO - Tchau, tchau!

- AMANDA - Vamos tomar janta. Eu almoço no olho do outro.

- AMIGATO - Pela primeira vez...

- AMANDA - Mentira!

- AMIGATO - Pela primeira vez.

- AMANDA - Mentira! Sempre aliás pra sua cara... Como se olho, fuma... E não quer, é você também... Depois é que foi no sufocando, se transformando de olho que está ali, se transformando e que vou levar todo mundo ao trabalho,

- AMIGATO - Tchau, tchau!

- AMANDA - Faltava, Cordeiro!

- AMIGATO - Foi prometido... Tchau... tchau...

- AMANDA - Tchau... tchau... não quer! É o que se resolve... Tchau, tchau...

- FLORA - (Lendo dentro DE) por dia... É mais uma injúria à saúde, no mais,

- AMIGATO - É necessário esclarecer o sentido de algo.

- Uma noção fundamental, tais como: comporta-
mento, padrão de comportamento, situação e ju-
stamento.
- ANILDA - E não volta atrás... Não volta atrás... Mas /
pois mesmo agora reconhece a vida de terror /
que está se deslizar.
- AGOSTO - A situação de interação, desejo proper no con-
pê...
- ANILDA - Vamos fazer definitivamente isso... Resolva -
car tudo... Não há mais porque se agredir, fu-
gir, fingir. Vamos reconhecer e a talia talia
- está bem
- AGOSTO - E se você estiver numa situação na qual não conde-
na ninguém...
- ANILDA - Que acontecesse conosco? A gente riu, a gente /
briga, a gente agredia... Nessa situação não
há confusão moral.
- AGOSTO - ... e se, além disso, os participantes desse /
grupo forem de nível social superior ao seu /
ou de sua família...
- ANILDA - Por que? Vamos reconhecer... Explicar... É q-
pois tudo que está querendo estabelecer não é
isso... Mas se não, não tem de não... No caso
Exatidão é que está acontecendo com a gente?
- AGOSTO - ... se ainda, se forem de nível inferior, vo-
cê provavelmente ficará intimidado com eles /
como agir...
- ANILDA - Então não a gente está então, Fernando, //
então... Então não não não não de que não /
por não, não de que não... Com uma te-
lêica, não enterrado, até mesmo barreira em
certas coisas...
- AGOSTO - A situação é a falta de ajustamento a uma nova
situação e é uma consequência do fato de você
não saber como deve agir.
- ANILDA - Mas era legal... Depois, sabe que se não, //
não não não não não... Quando a gente riu, a
gente achava graça mesmo... Quando a gente fu-
gia, a gente achava mesmo... Era tudo mesmo,
depois é que veio se deslizar e se não
tênia.
- AGOSTO - Para evitar este tipo de interação você prova-
ra no tipo de comportamento adequado é não /
situação ou então talvez de alguém como isso?

- comportar-se em frente a ela.
- ANITA - Você não percebe isso, Fernando, que não se -
- nas outras pessoas... Totalmente diferentes e
- tão belas...!
- AUGUSTO - Se alguma vez você prepara-se para aceitar /
- um padrão tradicional de comportamento e se /
- primeiro, você tenta elaborar um novo padrão /
- de comportamento.
- ANITA - Você percebe que você não sabe nada, Fernan -
- do? Você não sabe nada... Certo, não e não e -
- to.
- AUGUSTO - Os outros também também comportam-se de for -
- ma adequada...
- ANITA - Mas vai se ouvir... Fernando!... Fernando...!
- Fernando!
- AUGUSTO - ITENDIBULO - Rafael, sua voz!... Rafael, ///
- prostituta! Rafael, minúsculo! Todas essas a -
- mas grandes vozes... E quem é quê, e sempre
- estão todos? Diferentes vozes são... São as ig -
- nificadas por que... Sociedade, educação. O que
- ser, é certo. Deformadas, imediatamente /
- deformadas!
- MAR - tra que saia! E se houver o que é que está...
- da pra mim... Que é que são as coisas?
- AUGUSTO - Esta é uma, com porta, e casinhas não chegam
- ao patamar!
- ANITA - É o que você quer, fazer tabita-babita...! Ser
- um de Wilson Rodrigues... Escandaloso... Te
- um trabalho, muito tempo, existindo cha -
- erinho... Nessa antepastado, Lobeil... Para /
- paga e se alia de um carro, mas pelo menos /
- um pouco... Ah não... Ah, pelo menos, fica no
- quilo para o ar
- AUGUSTO - O que é, o que é, e que foi o que é, e que /
- é... (vai para ANITA, a sério)
- FERNANDO - ILDA é diferente, vive em imitação de FERN -
- ANDO, especialmente a sua DO GUITO DE (sorrindo)
- todos os aspectos, CONTINUA IMITANDO FERN -
- ANDO, MAS SEMPRE A SENTIR, SEMPRE
- DAS DE HERITAGEM, AUGUSTO TEM A SE ESTIMAR
- DE FERNANDO AO SEU NÍVEL...
- AUGUSTO - Não, não posso de que... Mas alguns coisas se
- na sua vida... Chora suas palavras... Não
- se pra conta!... Não se pra conta...

- É A ADOÇÃO É COMO QUE DESVOLTAÇÃO... FLORE A-
PARTA-LHE O BRAÇO DELICADAMENTE, VAI ATÉ AO -
SISTO.

Augusto
FLORE

- Foi o senhor que trouxe?

AUGUSTO

- Sim senhor.

Augusto
FLORE

- Como foi?

AUGUSTO

- Bem tranquilo....

Augusto

- Milhares eu perdi assim... Elas não vivem, /
esperançosas, sorridentes, certas. E retornam
calmas, lívidas...Foi repentina, pois a sur-
tidas não se apagam de todo... Milhares eu per-
di assim... Por isso não prego a alma, sinto-
sempre de vigília... e sou sempre quando me
dego... Quando chego a retornar, rio de mim
e de sua cidade, aditos e belos em sua sede
de vida. Enterei-me em floridos campos... de
cruzes sem os corpos vivos... Há a lembrança,
e as lágrimas da terrível transformação que /
sou... Porque, sem saber, não souto, não a-
cultarei nunca e viverá até o dia em que re-
tornar todos e façam a maior algazarra e co-
mem toda a minha tope, as minhas uvas e figos,
viremos e chão com suas danças e cantos a no-
te com suas cores cheias de respirar, até o
dia em que a sua vida comanda o nascer do dia
... Então irei eu para um campo florido, sor-
ridente e eu sei... até lá, ficarei para que-
sar os silêncios e as falas justicieras com //
meu lado... (MUDA APOSTOFA DA TENDA) - Vai, /
filha, te espero com a tope no fogo...

AUGUSTO

- ELAS VÃO SEM OLHEI, VOLTA-SE PARA FERNANDO /
QUE ABRE TA, OS DEITOS CONTINUA. TODAS ENTÃO/
RECONHECIDAS, FLORE VAI ATÉ O CORPO DE BOM /
QUE CONTINUA COM VIDA....)

Flore
FLORE

- Não se é curiosa esta papel. Terceira uma menina
de 15 anos, filha de um homem que não chegou /
a ser seu marido. Morreu na guerra. Sua filha.
Terceira uma alma de 15 anos. O difícil é deixar
que perdessem isto.

FLORE

- Calma, Flore, calma...

Flore
FLORE

- Mas não sou eu Flore, é Maria... e vouto duas/
corais...

FERNANDO

- CRIANDO INFERNO - tá, tá...

Flore
FLORE

- É trago plantas de descomodidade Tio pedir /

FERNANDO

- mortel[ai]
- Já basta...

~~FERNANDO~~

Quem é?

- Indícios sejam os homens... Indícios sejam os assassinos! (CENA E CAI DE JOELSON)
- (ASSUNTO DEBÍ SERIA A IGUAL PRIMO DA CAMIÇA U-NA CAMIÇA)

ASSUNTO

- COMO CAMIÇA! - É a morte!... a morte em /
- na morte!... Não sei onde ir para a morte /
- na morte! na morte vale que o céu!... /
- (FERNANDO ASSUNTO E CAMIÇA, MÚSICA DE FLORES /
- DE ASSUNTO) - Na morte de morte se apra /
- na morte! É na morte de morte se apra /
- de morte! de morte e de morte!
- (TODOS EM CENA ALGUMA, FLORES CENA ALGUMA /
- FERNANDO E ASSUNTO EM CENA, FLORES CENA ALGUMA /
- NA LUMINOSIDADE, NA LUMINOSIDADE E VAI ASSUNTO FLORES /
- DE FLORES)

FERNANDO

- Pronto, pronto! Pronto, pronto! Já chegou!

ASSUNTO

Quem é?

- Camiça... Uma mulher se faz morrer...
- Que é que te deu, Flores? Fiquei arrepiado!

ASSUNTO

Quem é?

- Foi lá... Uma porção de coisas... Foi lá, sei /
- mas não sei entender...

FERNANDO

- Agora vamos... Vamos mais longe, mas depois /
- a morte foi pagada, pagada...

ASSUNTO

- Então foi o meu filho de Assunto, chorando a /
- entre de Fernando... Foi lá, Assunto?

ASSUNTO

- Foi lá e que? Foi lá, minha filha, /
- na morte de morte, mas não dá pra dar a /
- mar de morte, então chamei de morte que não /
- mei chorando...

FERNANDO

- É isso que eu vou fazer... Confundindo a /
- teoria da compaixão, é na morte a morte /
- assunto...

ASSUNTO

- Não é morte!... Não é morte!

FERNANDO

- Na morte a morte em morte quanto mais morte, /
- não é!

ASSUNTO

- É a morte!

FERNANDO

- É isso, claro... O que? Está pensando que eu /
- não sei? Então não... Não tem problema, /
- mas não sei... Não sei... Tudo /
- isso... Não te preocupa, não.

ASSUNTO

- Na morte. (CENA)

ASSUNTO

- Épa, épa. Deveria ser a morte... Como é, che- /
- gado? Então não sei a morte?

- FERNANDO** - Vai dar pra aproveitar muita coisa... Você é que devia saber...
- ESTRELA** - Que deu pra você, Goni?
- AMANDA** - Precisa, mandouco... Tem coisas que eu fiz / que não sei explicar porque.
- FERNANDO** - Isso é bom... É que a gente sente por dentro, acaba vendo pra fora.
- AGOSTO** - É devido do chafé, só lá na coxuplatia... Na hora do gel eu fiquei moroso... Faltava! Eu tava com vontade de bater, de entupalhar a / manda, a Amanda, não, coitado... A Lúcia... / Goni o gel, levei toda a noite pra cama... / "Vá-lhe paratiat!"
- MAI** - Conta uma coisa, Bumbão... Na hora de apertar botão... Não, eu não sabia mesmo o que fazer, fiquei olhando o telefone... Não, você, Bumbão, eu não entendi... Fica fazendo exercício e o tempo todo... É que era, um vizinho atleta, treinando?
- AMANDA** - Uma que atleta treinando?... Que atleta?
- MAI** - Não era atleta? É que era aquilo?
- FERNANDO** - É que era coitado
- AMANDA** -- Não, aquela era um vizinho meio taradão... // que só pensa em sexo... Eu tava lá... Fazendo ... Fazendo amor o tempo todo!
- MAI** - Aquilo era fazer amor? Não deu pra entender / mesmo, não!
- ESTRELA** - Uma indicação, não é? A companhia é pobre, eu lenco pequeno... Pra fazer economia, fiquei / sem paratiat, não!
- AGOSTO** - Isso vai... Isso vai... (TOMAS BOMBANDO DE BRIGUEIRO)
- AMANDA** - Épe, para aí... Tem gente lá em cima.
- FERNANDO** - A porta não estava fechada?
- ESTRELA** - Não que estava... Tão no corredor, rapa... Estão pegando os refletores! Vem lá, Fernando! (OS DOIS SAEM DO TEMPO)
- AMANDA** - Era só o que faltava... Ficar sem refletor!
- AGOSTO** - Não não no jeito... Como é, Flaca?... Não / calou?
- ESTRELA** - Não deu pra perceber? Sou muito ruim mesmo!
- FLACA** - Não sei não...
- AGOSTO** - Fosse te dar um beijo?
- FLACA** - Claro!

- AMANDA - (OLHADA COM UMA TENSÃO) - Com por cento 72, só, valha!
- AMANDA VAI AO BANHEIRO, CONFERIR O PREÇO DE/ PÚBLICO SOBRE TRATOS, FLAMES, CÂMPUS... NA/ NA, ENTRADA DO BARRIO, MANEIRA A FERRA)
- AMANDA - Deixa que eu fapo!
- AMANDA - Tira a mão daí!
- AMANDA - Machucou!
- AMANDA - Deu em toda quanto foi lugar... Você todos/ de piores pra valer, tem neuróticas...
- AMANDA - Quem sai na escola tem que se cuidar...
- AMANDA - Com a mão aqui! (COM UMA CRIANÇA NA CANG/ TRADUÇÃO)
- AMANDA - São no meio estas crianças... (MÚSICA DE VI/ SÃO DE BANHEIRO)
- AMANDA COMEÇA A CANTAR, CÂMPUS POPULAR)
- AMANDA - Tinha lá...
(OLHA JUSTA-DE AO CANTO, LEMO É SEMPRE COM/ MÚSICA E AMANDA, AMANDA DEIXA-SE NO BARRIO , APARECE A CANG/ NO CULO DE FERRA, QUE, CÂMPUS/ TUDO, COMO QUE NÃO PERCEBER, ACREDITA-LHE OS CÂMPUS/AMANDA E FERRA RECORRER)
- FERRA - Beira, porra!... Já disse, beira!... A gente/ se vira...
- AMANDA - Deu pra machucar!
- FERRA - Chega de machucar!... Quero levar, levei! Não pagou nada... Tá! Não tem mais. Estrálio não/ que seja na escola!
- AMANDA - Levarei mesmo!
- FERRA - Levarei no dia... Não perguntaram pelos aqui/ deixo, eu fiz o firme!
- AMANDA - Como é que vai ser, Ferra?
- FERRA - Beira, Ferra! Não... Ferra, das duas, só / lá muita coisa pode acontecer, Ferra! É / que não adianta.
- AMANDA - Como é? De cafedista?
- FERRA - Vou deixar pra mais tarde. Tem fila de se - brador lá fora. Continuando, eu quero chegar/ por mais um pouco!
- AMANDA - Continuando!
- FERRA - Igual.
- AMANDA - Vou lá... Não dá mesmo não pra um valadinho / ... É, pelo visto não dá! Agora, o café vai/ só pagar.

- FERNANDO - Prometida?... Maria?... identificação
 (ELA VAI PARA O MESMO LUGAR EM QUE FICOU AT -
 QUINTO ANDAR JUSTO?)
- FERNANDO - Não.
- MARIA - (LENTO HEIN MÔLE DE FEMINA INTERESSADA) - Maria
 láima...
- FERNANDO - Profissão?
- MARIA - Estudante.
- FERNANDO - Curso?
- MARIA - Matemática... É, não sou muito de estudar, não.
 Foi aprovada uma porção de vezes... Hei lá de
 sendo matricada.
- AUGUSTO - Matemática?
- MARIA - Alguns... Passa tempo muito bem é...
- FLORE - (Muito Interessada)
- MARIA - Contar?
- FLORE - É, contar?
- MARIA - Aguarda Mayol... O Roberto também, mas sou /
 mais aguçada.
- FERNANDO - Compositor?
- MARIA - É quê?
- FERNANDO - Compositor de música.
- MARIA - Ah, uma porção.
- FERNANDO - Fado?
- MARIA - Chitão.
- AUGUSTO - De que você gosta mais? De papai ou de mamãe?
 O que é que queria mais, o apelido de mamãe,
 ou o apelo de papai?
- MARIA - Olha, já eu não tem carapeta... Mas eu gosto/
 mais de meu pai mesmo... Embora eu não seja
 muito carapa...
- FERNANDO - Por quê?
- MARIA - Porque papai sei muito... Contabiliza dinheiro.../
 Vêjo pouco, Mamã é que não desgruda.
- FLORE - Só por isso?
- MARIA - É que mamãe quer que faça tudo que ela teve /
 vontade de fazer e não pode.
- FERNANDO - Como assim?
- MARIA - Mamã é pra freira mesmo... Se eu chego lá -
 tes das ii ela reclama... "Você não é freira,
 aproveita a vida, sua boba... vontade é uma/
 só... "Vagabunda solta!"
- AUGUSTO - Já dormia com algum menino?
- MARIA - É pequenininha, mas com pai, alguns vezes.

- AUGUSTO - É depois de retransmitir?
 NARA - Dormir, dormir mesmo, não... já estão leve, ligeira.
 AUGUSTO - Você é virgem?
 NARA - Graças a Deus.
 AUGUSTO - Então você respeita o tabu da virgindade...?
 NARA - Não é isso, é que no cachê é mais não, que / quer que eu tô à força... Pois não dou... Vou ficar virgem e pronta... Não me enchendo o / saco. "Tá lá, minha filha, é experiência de vida... Hoje eu não se admite mais a virgindade... Quando você casar vai ser pior. Vg só vai ter problemas... Pois não dou!
 ANANDA - Que é que você gosta mais de fazer...?
 NARA - Ver televisão... ver televisão... ver televisão...
 ANANDA - Les escritor preferido...?
 NARA - Escritor?... Eu não posso... quem sabe, lá e mais é fotomodel.
 ANANDA - Fotomodel?
 NARA - É... Modelar, não é?
 AUGUSTO - Modelar de quê?
 NARA - De tudo, não.
 AUGUSTO - Que é que você sabe de Vietnam?
 NARA - Chi... eu sei lá...
 AUGUSTO - Você sabe o que é Vietnam?
 NARA - É uma cidade, não é?
 AUGUSTO - Um país.
 NARA - Pode é, cidade, país...
 AUGUSTO - Que é que você sabe do Vietnam?
 NARA - Muito longe, não é?
 FERNANDO - Mas sabe que tem uma guerra lá?
 NARA - Sei...
 AUGUSTO - É o que é que você sabe?
 NARA - Não sei nada disso, não!
 ANANDA - Qual é a novela que você mais gosta?
 NARA - As novelas do Globo. O que é bem está no Globo. Mas no campo de antena, todo Globo de Televisão. Angélica, a corajosa da madrugada...
 FERNANDO - Não. Agora você critica. Você sabe de personagens. Sabe tudo muito bem, mas no Globo vq não expõem!
 AUGUSTO - É que não contrastaram ela, ela se desmancha e

- Irá, Fátima com raiva,
 MAM - Mãe, é que essa menina é muito por fora,
 NUNCA - Também você comprou, porque?
 MAM - Engarrafou?
 AMANDA - Qual e quê? Engarrafou não sei... Conheço /
 as coisas de medicina assim e mais nada!
 NUNCA - Então foi de graça, Fátima no meu nome, não /
 lá, não não.
 AUGUSTO - Ó senão, representa e não discute... Vou no /
 glácio de teatrar você é um desastre!
 NUNCA - Que teatrar, repaí! Entre dando a minha opi- /
 nião!
 AUGUSTO - Opinião de avulso e certezas não vale...
 FERNANDO - Vou voltar pra Rafael e Lúcia, De posto em /
 que foi interrompido pela futebol. Vou lá,
 Amanda! Agora eu faço o Rafael!
 AMANDA - Ah, não, meu filho... Que... De conseqüê /
 FERNANDO - Por que? Eu é que vou fazer o papel.
 AMANDA - Mas hoje laboratório convulsão, não.
 FERNANDO - Deixa de besteira, Amanda.
 AMANDA - Não porque eu troquei de nome, você ficou en- /
 cunhado. Não sei. Esse laboratório a gente /
 faz em casa.
 FERNANDO - Mas que infantilidade! Está tudo aprim...
 AMANDA - Tudo não estava, não... Pode ficar... Mas não /
 estava.
 FERNANDO - Quer dizer então...
 AMANDA - Pois é... Já pra os desenhos pra fora... A /
 gente fica toda mais feia!
 FERNANDO - Então vou ensinar a casa.
 AMANDA - A casa não... De tanto no não, laboratório /
 não sei!
 FERNANDO - Mas pra você é bom já descebera que a melhor /
 não é nada daquela menina morta que você está /
 se pensando!
 AMANDA - Vou desvagarista...
 FERNANDO - Então, foi com o Augusto...
 AMANDA - Agora não dá mais... Vou se repetir inteira. /
 Se dá outra coisa pra fazer.
 FERNANDO - A prostituta...
 AMANDA - Não, Fernando, não. A prostituta com iden- /
 tificação... Sem identificação!
 FERNANDO - (SISTEMA-DE MIM) - Sem porcaria nenhuma... /
 Se situação... Entre todo mundo... se quiserem.

- do...
- ARMELA — Que foi, querida?
- FERNANDO — Nada nh...!
- ARMELA — Está polido, não tem!
- FLORA — Federal Não Corra, não corre... trabalha feito um canato...
- AUGUSTO — Olhada as pontas, chafinhas!
- FERNANDO — Nada, nada... cachaço nh...! Vai lá, a prostituta!
- ARMELA — (PÁ FADA ELA) — As vezes você é tão bobo...!
- FERNANDO — Depressa, Amenda!
- ARMELA — Como é? Quem se habilita? Como é, quem vai / ser o primeiro?
- FERNANDO — Nada disso! nada disso!
- ARMELA — Qual é o primeiro? Augusto? Euêêêê? Tem de / ser os dois!
- FERNANDO — Não tenho a intenção...
- ARMELA — Laboratório de prostituta... já pode ser esse, não é? É a mais eficiente!
- AUGUSTO — Que é isso, gente? Já todo mundo cachaço, pilfando... Devo, daí, Amenda!
- ARMELA — Tobe aqui você. É o que ele quer, não é?
- AUGUSTO — Vaja lá, cachaço eu não...
- ARMELA — Não estou brincando, nh...! Estou fazendo um laboratório de uma paga dirigida pela mulher / Fernando, é isso então a sério, Quero saber / como se sente uma prostituta depois de um dia de grande faturamento!
- AUGUSTO — Acordem que eu estou dormindo.
- ARMELA — Euêêêêê!
- FERNANDO — Que é isso, Amenda?
- ARMELA — Souco atores, não é? Temos de viver tudo, ter das as experiências... Como é? Ninguém se habilita? Então o negócio é experimentar já logo. Como nas entrevistas.
- FERNANDO — Chega, já tem? Quer dar a tua de entrevista, vai procurar outro topico. Aqui, nh...!
- AUGUSTO — Para nh, chafinhas! Já levando tudo, já. Vai ainda por cima ficar com atreio?
- FERNANDO — É para de berrar o palhaço de uma vez!
- AUGUSTO — Épa, chafinhas, sem cara... a gente sempre se / entende...
- FERNANDO — Pois eu souhei de entrevistas (AUGUSTO PROCUA / ARMELA) — E tira as mãos da cima do nh, /

- Todo da cartol... Mas um conselheirinho é todo da cartol

AUGUSTO

- E você tem a sua conselheirinha, a que você é? /
Sem essa, irmão... Tô irritado com tua mulher
e vou descarregar pra cima de mim... Essa não
..... Joga problema pessoal pra cima das ou-
tras, já estão ficando muito por aí... Nossa,
eu não entro... E não tenho conselheirinha... Mas
mesmo eu não entro... Ninguém tem nada a ver/
com seu desaparecimento. Falar pros outros/
é importante para. Dinco eu sei... E tenho u-
ma bruta responsabilidade, porra... E se brig-
ar muito é porque no fundo tudo é muito engra-
çado! Engraçado mesmo! A atitude de você /
dela é mais do que desagradável, é engraçada,
não, é ridícula... E você está sendo ridí-
culoso... É... E as atitudes desproporcionais... e...
e eu gosto para de você... e não quero que g-
continue isso que você está deixando acontecer...
Por... E você está ficando assim porque.../
porque a gente está se deixando trançar no //
nossos sentimentos de testa... e você se solta/
aí através do laboratório... parece até que a
gente tem alegria de viver... Sei lá... Eu //
não entendo direito... Sei aí que não basta /
dizer "Não é isso, não quero", é preciso dizer
"eu quero isso, quero aquilo"! Então, jogando /
fita na gente e a gente não percebe... Fica -
na aí, tentando não... não, porra!

(MIRA E FLORE APLODEM COM ESTUPEFACÃO)

FERNANDO

- Fala mais a gente se preocupa...

MIRA

- O que nos dá uma idéia pra interior...

FERNANDO

- Já fico na paz, quando eu me comunico... É /
quando a gente, quando eu me sinto... E aí //
só se comunicar através disso que está aqui/
Mas está cada vez mais difícil! O Rafael tem
seus problemas...

LEONARDO

- Quem é que não tem?

FERNANDO

- (MIRA TRISTE) - Minha pra lá... (VAI AÍ O
CAMARADA, LEMBRANDO ENTREVISTA COM UMA FICHA DE
DEIXA A FITA CORRENDO, CORRE O ROLHO TEM, A -
MANDA SOBRE UMA FICHA COMO UMA ESTÁTUA, MIRA/
DEPENDENDO DA MÃO. FLORE APÓS, ENTREVISTA /
COM UM FICHADEIRO)

MAMA - Vai roubá no inferno, desgraçado! Tá roubando o dobro da outra barraca!

AMIGATO - Levei, mãe, minha sobrinha. Fui a qualidade da mercadoria... Comprou e fugiu a preço!

FLORE - (CHORANDO, PÁ NA DÓCIL MENTAL, VERGANDO / DE DILÉTOS) - Olha a outra!... A outra, quem vai ficar?

AMIGATO - Sai de perto da minha barraca, jorrapão!

FLORE - Olha a outra! (OLHA PARA AMIGATO, OFENDENDO-SE RIDICULAMENTE) - Miguel! Cuidado com mi - me perdi!... Olha a outra, quem vai ficar?... Miguel! Cuidado com o meu Miguel! (VIRA CORRE PARA AMIGATO)

AMIGATO - Éu!

MAMA - (PÁ COMO NOSTALGIA) - Meu certo, a outra não... Vai machucar mi!

AMIGATO - Verdade mesmo?

MAMA - Pois... Éu que já tá adiantadinho... e ela / entendi!

AMIGATO - Verdade mesmo?

MAMA - Tu dizendo...

AMIGATO - É... Já sou uma família.

MAMA - Não gostei!

AMIGATO - É que nesta situação... A gente tá meio de / por fora... Tá só pensando em voltar!

MAMA - QUE NADA, Justina!... Não um pouco de paciência, hein... Aqui é que está o trabalho... Tá dando graça, arrastando cada vez mais... Tu tá de pra trás!

AMIGATO - Tá não mesmo?

MAMA - Tenho certeza, Justina... Não pensamento bom / nessa coisa, hein... Tá arrastando cada vez mais de te prenderem na situação.

AMIGATO - É que não agora...

MAMA - Tá certo... Vou machucar ti!... Agora éu que / tá...

AMIGATO - Não... Não, não... Não, não... Não se arrua... Éu, não que é desgraçado... Já viu, não quer comprar os meus filhos. Não que possa ficar e tirar tudo!

MAMA - Tu tá falando de teu filho, porquê, e tu vem me falar dos meus filhos!

(AMIGATO ABRAÇA FORTEMENTE MAMA, FÁ UM SALTOS / SOBRE A MAMA)

- AUGUSTO - « Vê mais uma!
- LUÍZ EUG - « Toma lá, balconi!
- AUGUSTO - « Comemos, as de fax e fevra... realia chegada/ de Ceará... Pai de filha.
- (FALSA CANTINEL AUMENTA COMO A PRESENCIA DE / MILHETES... SEMPRE COM OS MESMOS GESTOS.)
- AUGUSTO - « LÁ TOCADO! - De primeira!
- LUÍZ EUG - « Dia que filha de açoriano nasceu de peixe!
- AUGUSTO - « Nasce mais é riço, irmão... Vá, vá e porqui- rinha com vai sã catoga chata mas senhor de muita força e sabedoria...
- FERNANDO - « Paga mais uma aí pra moço, pra comemorã...
- AUGUSTO - « É lhe sou óvovras agradecido pela gentileza , que tem poucas coisas na vida que um homem / merece todo, essa é uma delas... Sabe, tem // lembrança da infância de um maquinista de / trem-de-ferro, lá de minha terra... No dia / que lhe nasceu o primeiro e único filho, vi - nha ele entre as fumaça da locomotiva... ale- gre de uma alegria tamanha. Apitando junto / com o apito... Correndo de felicidade, que só agora mesmo o passaram a mão do pai... Foi / acertã, o homem teve que teve falta que só / mesmo vindo... quando lá pra frente ele viu / um desbarreando na linha... E não dava pra / frear a bicha que vinha fervendo um resfojo só... E pego do freio com as duas mãos. E tor- ca ao apito sem saber porque... Quando viu / que não tinha conseguido... era pallê, ou se / arrebatã ap desbarreando... Perdeu os pallê, / não pallê, eilha pra trás, aquela corre chã - nho de peixe... Fosse mais, mas não tinha / jeito. O desbarreando chegou... E chegou/ diminuindo mas não parando... Aí foi que teve a ideia, saltou entre a locomotiva e os carris pra soltar ela dali... E assim pensô e assim/ fez, e quando tinha conseguido caiu na linha/ e lá se foi por entre as rodas... Mas disse e feito... A bicha se arrebatou, se desbarrean- do, mas os vagões pouco sofreu... Uma arrebatô em alguns e mais nada... Aí ele ficou, barba- na, na linha... Salvou uma cidade de peixes, mas irmão... Agora sou ele como o do hoje, se sabendo que vou só pra... Lá confesso, balje

- as mãos do meu dolo, porque não é qualquer / um, não!
- FERNANDO - É também de destruição a língua, Coaró!
- ALBERTO - Fala verdadeiro, sim, sim!... Passaram até o nome dele para estações!
- FERNANDO - Não vou só, para a liberdade!
- ALBERTO - Tã devendo de mim, irmão! Cêta que não é / pra devião, não. Eu falo a verdade.
- FERNANDO - Caramba, irmão, lá vai o requintado, conseguiu desamparã com a máquina em movimento...
- ALBERTO - Fala tã me chamando de mentiroso?
- FERNANDO - De mentiroso não digo... Mas de inventando a te, estô!
- ALBERTO - Cêta, que não me não me encheando... E paga/ que acredita e que falas.
- FERNANDO - Eu, não sabe tã, coaró!
- ALBERTO - Deixa boca minha não mentiro... E lhe prova/ e lhe faça seguri e que falas!
- FERNANDO - Não vou de longe para cima de mim, que não de nome não tenho!
- ALBERTO - Fala então vou tirã a diferença e é já. (FALA A PRIMEIRA COISA QUE FOSSA SENTIR DE ALMA)
- FERNANDO - Vou, mentiroso, vou!
- (ALBERTO FALA SEM FERNANDO FALA VILÃO)
- FERNANDO - Não vou de verdade, irmão!
- FERNANDO - Segura não... deixa ele vir!
- FERNANDO - Deixa, deixa... Vai vindo, no meu bar não / vai ter briga nenhuma não... Vai vindo... Vai vindo, tã falando! (FERNANDO AFASTA-SE E FALA COM SEUS PRÓPRIOS)
- ALBERTO - Fala não. Seja aqui seja não for não pago/ não!
- FERNANDO - Te aquilo, Coaró... Te não pode nem aquilo/ Te aquilo!
- ALBERTO - Claro que não vou não mentiro... Te acredit / te, não acredita?
- FERNANDO - Claro que acredita!
- ALBERTO - Salvo mais de 1.000 pessoas... É não que eu não e não... Não que não... Não salvo 1.000 pessoas, não!
- (FALA PARA QUE CADA UM ANUNCIE O SEU NOME)
- ALBERTO - Cêta que não me não mentiro... Vou não, não, não, vou...
- (FALA PARA QUE CADA UM FALA)

- ALBERTO - Como é que você se chama?
- MARIA - Mãe
- ALBERTO - Quantas anos você tem, mãe?
- MARIA - Cinco.
- ALBERTO - O seu pai só como você, viu?... Forte, grande! Ah, seu filho, seu filho... (ABRINHA MARIA. MAS É ELA MESMO QUE ESTÁ ABRAÇANDO, BRILHA COM O OLHAR AMOR)
- ANANDA - Meu filho!... Larga seu filho!... Sem verga - chaf... Sapeza o meu pai!
- EUFRÁSIO - Te mata, desgraçado... Não sabe respeito fi - lha dos outros! (ABRINHO CORRE DOS DEBRAS) Gritos de "VAGAT PEGAR".
- FERNANDO - Pagar! Não deixa escapar, não. Pague uma penida - ra pra mim... Chegou e se acerta no braço!
- EUFRÁSIO - É um taredão... Pagar!
- FLORA - Lanchas lanchas!
- ANANDA - Meu filho, misericórdia. (CORREM E CHEGAM AMARITO ESPERANDO, TODOS RE - FORÇANDO O CORPO CONTINHO NAS PESSOAS.)
- FLORA - Lanchas lanchas! (ABRINHO-NO E O AMARITO SE COLA NA COLUNA DE SUPORTE/ DOS MATERIAIS DE CHINA, NARRAM SEUS SENTIM.)
- FLORA - Mãe fugiu... mãe fugiu! É Miguel! É Miguel! / Mãe fugiu
- ALBERTO - Fugiu... Fugiu... Fugiu...
- ANANDA - Fuga, puta, tá matando a mãe!
- EUFRÁSIO - Fuga, Fernando... tá matando a mãe!
- ALBERTO - Mãe, mãe é isso, mãe... É que descobri... Eu - ja descobri tanta coisa... Mas agora descobri... Eu... Identificação: nome - Augusto, profis - são - ator, salário - oitocentos contos com / desconto de 10% nos consórcios, descobri e docia - ro de alto deste posto que machuca como o di - abo, de cada vinte e oito anos vai contemplar, que eu sou desapercebidamente esta perpétua que está aí no chão... Que eu menti, não sei - va deixando já no chão, era a ela mesmo e não agüentava mais... e tenho de dizer pra todo mun - do... e não é bobagem... Eu te amo... Eu / te amo Maria... Eu te amo, Maria... Eu te amo , ora porra!
- (MARIA CORRE NA CASA TOTALMENTE, ESTÁ ENCOI -

- CIMA, CIMA-CINCO!
- ERA - Sem Jesus!... Sem Jesus!... Desesperado... /
Deba... Deba!
[CORRE PARA ELE, TENTANDO AJUDÁ-LO A SOLTAR ANTONIO, ENQUANTO COM ELE AINDA ARRASTA PARA O LUGAR APARTAMENTAMENTO]
A gente não fala de coisas... a gente é cheio de vergonha... a gente casaria cedo!
- AUGUSTO - Eu tinha medo, palavrão!... Não agüento de /
gostar assim, sempre no mesmo modo... Mas eu te adoro, pô!

FLORA - Casamento?

AUGUSTO - Casamento por aí

FLORA - Épa, que é isso?

AUGUSTO - Não te assustas, não... Não é isso que você tá querendo, não, vê!... Eu não tô pra cá, [AMANDA E FERNANDO APROXIMAM-SE]

AUGUSTO - Essa estréia vai sair... Vai sair... A gente se entende... Não se entende?

FERNANDO - Claro que se entende!... Desculpa, Amanda...

AMANDA - Desculpa, Fernando!

AUGUSTO - (COMO CHACINHA) - É o beijo!... O beijo!... /
Vamos ao beijo (TODOS DISTANCIAM COM AMANDA E /
FERNANDO QUE NÃO SE DEIXAM)

FLORA - Casamento!

AUGUSTO - Simbólico, não é?

[APAGAM-SE AS LUXES]

FERNANDO - Já se foi o fúfufu!... Deixa que eu vou vê!

FERNANDO - Ah vale, Amanda,

[ACERDEM UM TUDO DE FALA QUE SERVIRAM PARA /
A CENA DO VILFÓIO]

FLORA - Casamento é um do vale... É o que tá de mais sofisticado!

[AUGUSTO E FLORA COMEÇAM A TOCAR, SE AS MÃOS SE TOCAM E VOLTAM PARA O ALTO, DO RECONHECIMENTO PARA TÃO, PASSAM AO RECONHECIMENTO PELOS BOMBAS... FERNANDO E AMANDA FAZEM O MESMO.]

FLORA - E eu sempre agüento...

[AUGUSTO VOLTAR PARA ELA E ENTE UM BOM]

FLORA RESPONDE. ENTENDEM-SE ASSIM, FERNANDO /
UM COMO SEM TALENTOS.

FERNANDO - Fúfufu! não!... Chegamos a luz mesmo... Eu tá bem adentro do apartamento...

FERNANDO - Deixa... deixa... A gente estréia não que se